
PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DE CULTURA-CULTIVO NA COPRODUÇÃO DE TECNOLOGIA SELVAGEM

INTRODUÇÃO

Este material resume a proposta do Instituto Fronteiras para a proteção e o fortalecimento das redes locais de cultura-cultivo ancoradas nas relações ancestrais mantidas pelos Povos da Floresta na região das cabeceiras dos Rios Moa, Juruá, Amônia, Curuçá e Ituí por conexões ancestrais mantidas pelos rios, igarapés e varadouros. Parte do diagnóstico que as comunidades da floresta que vivem nesta região encontram-se sob grande vulnerabilidade nos planos cultural e socioambiental em decorrência da expansão das culturas ancoradas no desmatamento para conversão da floresta em pasto para o gado e nas facções criminosas que dominam as rotas de tráfico de drogas das florestas no Peru para o Brasil nesta região de fronteiras. E assume como premissa a existência de uma forte rede de colaboração sociocultural envolvendo lideranças e jovens com laços afetivos e familiares que conectam essas comunidades representando uma rica fonte de produção cultural em múltiplos formatos que estamos denominando aqui de redes locais de cultura-cultivo.

NOSSAS PREOCUPAÇÕES

O contato do mundo ancestral de povos e comunidades tradicionais com tecnologias do mundo moderno gera questionamentos quanto à dimensão das mudanças trazidas pela inclusão digital e pela transição energética sobre suas bases culturais. Nos preocupamos basicamente com as seguintes ordens de preocupações:

- 1) **Sobre o impacto dos estímulos à cultura de consumo que serão potencializados** a partir da mudança trazida pela disponibilidade de energia elétrica e internet em comunidades antes pouco sem qualquer acesso a estas plataformas;
- 2) **Quanto à tendência de homogeneização de culturas** que poderiam passar a reproduzir e a incorporar, incentivadas por algoritmos, signos desta cultura de massa; desconectando as sociabilidades da floresta e de normas de cogestão com base na reciprocidade e estimuladas pelo consumo das redes sociais;

- 3) **Quanto à influência da expansão da cultura do agronegócio do gado e das monoculturas sobre essas comunidades na Amazônia.** Temos consciência que as disputas sobre os destinos da Amazônia não se encerram no contexto de expansão das fronteiras do desmatamento e da exploração de recursos naturais, mas são, sobretudo, disputas acerca de visões de mundo em que elementos culturais exercem grande influência. É temerário que o processo decisório sobre os investimentos que podem gerar transformações socioculturais estruturais na Amazônia, como é o caso da instalação de energia elétrica e acesso à internet, se reduza ao desejo formalmente manifestado pelas comunidades beneficiadas sem qualquer esforço voltado ao fortalecimento das identidades enraizadas na floresta enquanto território vivo.

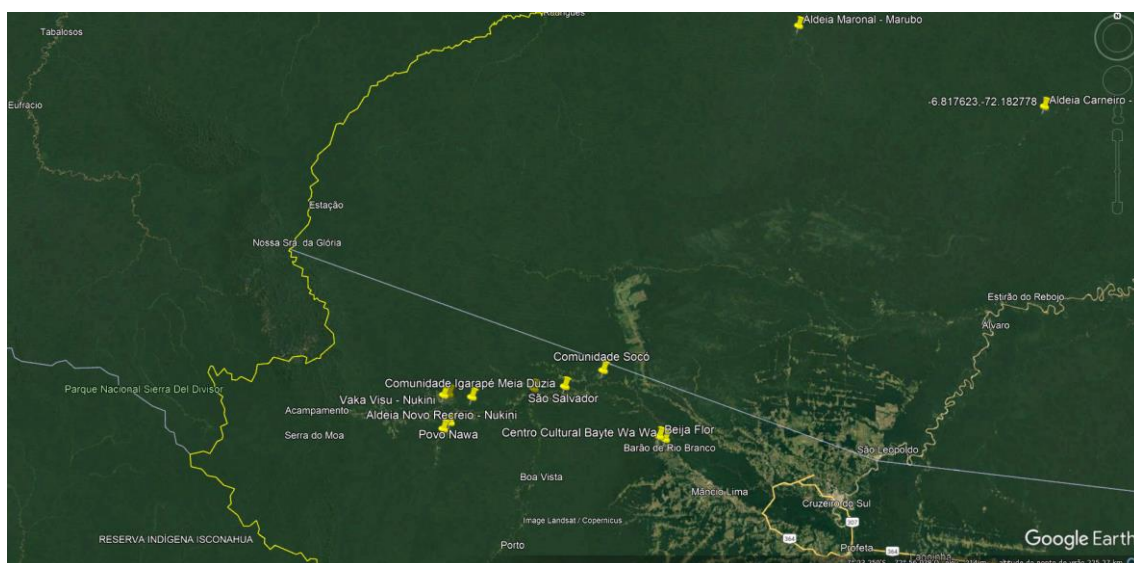


Fig. 1- Panorama das comunidades não-atendidas comprometidas com a proposta de cultura-cultivo

NOSSA PROPOSTA

Entendendo a importância da centralidade da indissociabilidade entre cultura-espiritualidade-natureza entre os povos da floresta, o Fronteiras propõe como estratégia para essas preocupações o estímulo a expressões de **cultura-cultivo** aterradas na topografia relacional e ritual dos territórios ancestralmente conectados que podem passar a usufruir de mais ferramentas para seu fortalecimento a partir das tecnologias disponibilizadas pela Conexão dos Povos da Floresta. Deste modo, a instalação de

internet e disponibilização de energia elétrica poderá servir de base para a valorização de rituais territorializados, amplificando as falas dos lugares e fortalecendo as conexões cosmopolíticas por meio da intensificação da polinização cruzada entre comunidades e grupos que já mantinham relações ancestrais de confiança e reciprocidade por meio de redes de varadouros e rios que conectam ancestralmente seus povos.

Nossa proposta de **cultura-cultivo** busca incentivar processos antropofágicos (canibais) para “indigenizar” as tecnologias digitais, apoiado em mecanismos sociocósmicos de reprodução ritual para além de concepções das culturas dos povos da floresta como mero “espetáculo” ou “exotismo”, que prendem até hoje povos e comunidades tradicionais em concepções europeizadas e anacronistas de “bons selvagens”. Esta abordagem busca apoiar fluxos de relações territoriais e florestais em práticas que potencializam conexões territoriais e ritualísticas, aproximando pessoas e territórios.

Esta proposta pretende fortalecer as conexões entre os **núcleos geradores de conexões locais ancestrais** a partir da relação e contato sistemático com lideranças e intelectuais **comunitários envolvidos nos processos culturais nas comunidades**, revelando conexões territoriais realizadas historicamente por varadouros e rios “invisíveis” que, com essa iniciativa, podem ser potencializadas através da conexão via internet. Queremos estimular as já existentes **comunidades territoriais vivas** derivadas destes núcleos geradores, em especial os mais invisibilizados, que terão posteriormente poderão no futuro acessar pequenos aportes financeiros via Fundo Sementes (<https://fundosementes.org>) para suas práticas culturais comunitárias.

Queremos promover essas comunidades na **germinação de intelectuais orgânicos comunitários que nelas existem**, mas que se encontram vulneráveis por **processos de assimilação cultural que impõem a desconexão cultural entre velhos e jovens** nesses territórios. Para isso, propomos a concessão de bolsas de estudos sobre suas ancestralidades, incentivando diálogos qualificados liderados pelos jovens junto aos seus velhos e lideranças gerando informações, vídeos, fotos e outros tipos de registro das suas práticas culturais locais.

A partir das conexões entre essas comunidades vivas em redes territorializadas ancestrais, empoderadas pelo uso de tecnologias digitais, acreditamos ser possível nutrir processos de **polinização cruzada de práticas culturais que dão vida aos territórios da Amazônia**. Seja no formato dos festivais indígenas, seja em outras

modalidades de troca ancoradas por encontros mediados pelas conexões ancestrais pelos rios e varadouros dessas florestas, experiências e práticas de cultura-cultivo poderão continuar germinando pelas Conexões dos Povos da Floresta.



PRIMEIRAS COMUNIDADES BENEFICIADAS

Ao longo da última semana, Puwe Puyanawa e Xiti Nukini, duas lideranças indígenas oriundas dos Povos Puyanawa e Nukini, respectivamente, e de grande protagonismo no funcionamento das comunidades locais de cultura-cultivo, estiveram em visita às comunidades do Alto Juruá e Alto Moa, na região do Parque Nacional da Serra do Divisor, para identificar líderes nas comunidades com capacidade e compromisso para contribuir com o fortalecimento das redes locais de cultura-cultivo enraizadas nos territórios vivos desta região. Em comum acordo com essas lideranças e a partir da nossa solicitação, essas lideranças solicitaram o envio de kits da Conexão Povos da Floresta para começar a conectar pela internet as trocas que serão mobilizadas na

produção cultural das suas comunidades tendo em vista o rico e diversificado calendário de manifestações culturais que essas comunidades pretendem viabilizar nos seus territórios no futuro próximo.



Fig. 2 – Puwe Puyanawa e Xiti Nukini estão liderando a proposta de conexão das comunidades de cultura-cultivo das Bacias do Rio Moa, Juruá, Ituí e Curuçá e lideram junto a seus povos importantes processos de fortalecimento cultural dos povos da floresta.

Abaixo, segue a lista de comunidades selecionadas para a iniciativa de cultura-cultivo na coprodução de tecnologia selvagem com os povos da floresta.

TI/UC/Devoluta	Local de instalação	Comunidade	Logística	Coordenadas
Seringal São Salvador	São Salvador	Comunidade Ribeirinha do São Salvador	Cruzeiro do Sul, via Rio Moa	(7° 25.082'S, 73° 13.422'O)
TI Puyanawa	Beija Flor	Povo Indígena Puyanawa	Mâncio Lima, por terra	(7° 31.145'S, 73° 1.871'O)
TI Puyanawa	Centro Cultural Bayte Wã Wã	Povo Indígena Puyanawa	Mâncio Lima, por terra	(7° 31.492'S, 73° 1.159'O)
TI Puyanawa	Casa do Cacique Joel Puyanawa	Povo Indígena Puyanawa	Mâncio Lima, por terra	(7° 31.382'S, 73° 0.792'O)
PARNA Serra do Divisor	Posto de monitoramento indígena	Povos Indígenas Puyanawa e Nukini	Cruzeiro do Sul, via Rio Moa	(7° 25.331'S, 73° 17.209'O)

TI Nukini	Aldeia República	Povo Indígena Nukini	Cruzeiro do Sul, via Rio Moa	(7° 25.953'S, 73° 27.667'O)
TI Nukini	Aldeia Novo Recreio	Povo Indígena Nukini	Cruzeiro do Sul, via Rio Moa	(7° 30.171'S, 73° 28.301'O)
TI Nukini	Aldeia Vaka Visu	Povo Indígena Nukini	Mâncio Lima, via Rio Azul	(7° 26.084'S, 73° 28.317'O)
PARNA Serra do Divisor	Casa sede da comunidade	Comunidade Ribeirinha do Pé da Serra	Mâncio Lima, via rio Moa	(7° 26.994'S, 73° 39.696'O)
TI Nawa	Escola Indígena	Povo Indígena Nawa	Mâncio Lima, via rio Moa	(7° 29.394'S, 73° 27.488'O)
PARNA Serra do Divisor	Casa sede da comunidade	Comunidade Ribeirinha Meia Duzia	Mâncio Lima, via rio Moa	(7° 26.338'S, 73° 24.852'O)
RESEX Riozinho da Liberdade	Sede da Associação Mulher Flor	Comunidade Ribeirinha Morro da Pedra	Cruzeiro do Sul, via BR e depois Rio Liberdade	(7°49'28.95"S, 72° 2'45.39"O)
ARIE Japiim Pentecoste	Sede da comunidade	Comunidade Ribeirinha Socó do Moa	Mâncio Lima, via rio Moa	(7° 23.135'S, 73° 8.665'O)
TI Vale do Javari	Aldeia Maronal	Povo Indígena Marubo	Taxi aéreo de Cruzeiro do Sul	(6° 38.062'S, 72° 42.558'O)
TI Vale do Javari	Aldeia Carneiro	Povo Indígena Marubo	Taxi aéreo de Cruzeiro do Sul	(6° 49.057'S, 72° 10.967'O)

Para maiores informações, solicitamos o contato com Charles Borges Rossi, do Instituto Fronteiras, por meio do email: charles.rossi@ifronteiras.org ou fronteiras@ifronteiras.org.